



CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS DOS UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS POSSUÍREM UMA BAIXA PROFICIÊNCIA NO IDIOMA INGLÊS

CAUSES AND CONSEQUENCES OF BRAZILIAN GRADUATION STUDENTS HAVING A LOW PROFICIENCY IN THE ENGLISH LANGUAGE

Ernani Barbosa Lepka, UEPG, Brasil, ernaniblepka@gmail.com

Jessyca Moraes, UTFPR, Brasil, jessy1201@gmail.com

Renata Vidart Klafke, UFPR, Brasil, nena.deutsch@gmail.com

Resumo

O presente artigo enfoca as principais causas e consequências dos universitários brasileiros terem uma baixa proficiência no idioma inglês. Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, sem aplicação prática. Fez-se uso de uma metodologia proposta por Quivy e Campenhoudt (2008) em seu livro *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, considerando-se um artigo de revisão. Foram coletados dados de fontes secundárias, com uma análise de textos e pesquisas realizadas por importantes instituições, nacionais e internacionais que realizam pesquisas do tipo, em sites como Elsevier, Scielo, British Council e órgãos governamentais, como por exemplo o IBGE e o INEP, que trazem dados detalhados sobre a educação no Brasil. Buscou-se também uma análise de literatura diversificada sobre o assunto em questão citando-se autores como Crystal, Kuramaravadivelu e Graddol. As pesquisas bibliográficas realizaram-se no período de agosto de 2017 à novembro do mesmo ano. Constatou-se que as principais razões de tal objeção são: a falta de recursos didáticos, a desvalorização e distanciamento do idioma com falta de interesse dos alunos para aprenderem, turmas desniveladas e numerosas e professores que não dominam completamente o idioma. As informações encontradas revelaram-se importantes para aumentarmos as discussões sobre o ensino da língua inglesa no Brasil, contribuindo também para a reconstrução das bases de ensino desse idioma indispensável para qualquer cidadão que queira melhorar sua vida, tanto profissional quanto pessoal em meio a esse intenso processo de globalização que estamos vivenciando em nossa sociedade.

Palavras-chave: Proficiência em inglês; Universidades brasileiras; *World English*.

Abstract

This paper focuses on the main causes and consequences of Brazilian graduation students having a low proficiency in the English language. It is a qualitative research, without practical application. A methodology proposed by Quivy and Campenhoudt (2008) was used in his book *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, considering a review article. Data were collected from secondary sources, with an analysis of texts and research carried out by important national and international institutions that carry out research of the type, in sites such as Elsevier, Scielo, British Council and government agencies, such as IBGE and INEP, which provide detailed data on education in Brazil. We also sought a diversified literature analysis on the subject in question, mentioning authors such as Crystal, Kuramaravadivelu and Graddol. The bibliographic research was carried out from August 2017 to November of the same year. It was found the main reasons for this objection are: lack of didactic resources, devaluation and distancing of language with lack of interest of students to learn, uneven and numerous classes and teachers who do not completely master the language. The information found has proved important in order to increase the discussions about the teaching of English in Brazil, also contribute to the reconstruction of teaching bases of this language, indispensable for any citizen who wants to improve his professional and personal life in the midst of this intense process of globalization that we are experiencing in our society.



Keywords: English Proficiency; Brazilian University; World English.

1. INTRODUÇÃO

A língua inglesa é, no presente contexto de globalização e aproximação espacial entre os povos através da internet, um importante tema de estudos, tendo se tornado um dos principais idiomas mundiais, capaz de estabelecer uma comunicação em quase todos os aspectos conhecidos pelo homem, sendo chamada por muitos estudiosos de World English ou língua global (LE BRETON, 2005; RAJAGOPALAN, 2004).

A British Council cita que "a falta de um ensino básico de qualidade, somada ao baixo acesso a cursos privados de inglês, faz com que o mercado de trabalho tenha dificuldade em encontrar profissionais com proficiência na língua." Ou seja, além das dificuldades no âmbito das universidades, há também problemas no mercado de trabalho.

O Brasil tem um dos piores índices de proficiência em inglês no mundo, com cerca de 5% da população considerada fluente. Segundo dados de uma pesquisa realizada em 2016 pela EF EPI, o Brasil ocupa a 40ª colocação entre 72 países pesquisados, com uma proficiência considerada baixa, em uma classificação que vai de 'muito baixa' a 'muito alta'.

O presente artigo tratará de um assunto de relevância no âmbito das universidades brasileiras, que é a proficiência em inglês dos universitários. Atualmente, a maior parte da literatura científica é publicada no idioma inglês, em que algumas línguas são subalternas no mundo da pesquisa, como por exemplo o português em que se vê uma maior dificuldade em encontrar materiais de qualidade para realizar pesquisas bibliográficas (MIGNOLO, 2000).

Este estudo tem por objetivo entender o porquê do Brasil possuir um índice baixo, esclarecendo as principais consequências negativas desse problema para a comunidade universitária, utilizando-se de uma pesquisa bibliográfica para situar o assunto e construir os meios de análise do tema.

Para tanto, primeiramente será abordado a questão da proficiência no idioma com suas implicações globais, trazendo na sequência as causas e problemas de tal fato, tendo como foco o âmbito universitário, analisando e mostrando os principais problemas para o país.

2. INGLÊS: UM IDIOMA GLOBAL

Não temos como negar que o inglês é atualmente o idioma global de comunicação em que, na visão de Kumaravadivelu (2006), a globalização tem estreitado cada vez mais a distância espacial e temporal entre as pessoas.

Crystal (1997, 2003) afirma que o inglês é a língua nativa de cerca de meio bilhão de pessoas. Estatísticas revelam que para cada falante nativo do idioma existem cerca de 4 falantes não nativos (GRADDOL, 1997, 2006; SIQUEIRA, 2008, 2011), mostrando assim sua internacionalização e importância nos diversos aspectos sociais, econômicos e políticos, dentre outros.

Seidlhofer revela que, "pela primeira vez na história, uma língua natural alcança dimensões realmente globais, trafegando por entre continentes, domínios e estratos sociais" (SEIDLHOFER, 2011, p. 7). Isso mostra o grau de mundialização desse idioma, que desconstrói



fronteiras e linhas de separação entre os povos, deixando a comunicação mais livre para qualquer indivíduo que tenha algum conhecimento do idioma. Kuramaravadivelu (2006) declara que o principal componente que torna isso possível é a comunicação eletrônica que aproxima pessoas de todos os lugares do planeta em questão de segundos através da internet, uma das consequências da globalização.

Tendo em mente que o idioma hoje é visto como um importante meio de se alcançar sucesso profissional, cada vez mais as escolas e institutos de línguas vêm consolidando a imagem de que, o idioma inglês não é apenas uma língua internacional, porém uma língua universal (GIMENEZ, 2001), e que se ignorarmos esse conceito estaremos perdendo a oportunidade de interações múltiplas e correndo o risco de não estarmos em igualdade com os outros.

Ou seja, podemos observar que esses autores consideram extremamente importante ter o inglês como segunda língua, ainda mais se levarmos em consideração o contexto universitário e pós-universitário.

3. PRINCIPAIS CAUSAS DA BAIXA PROFICIÊNCIA

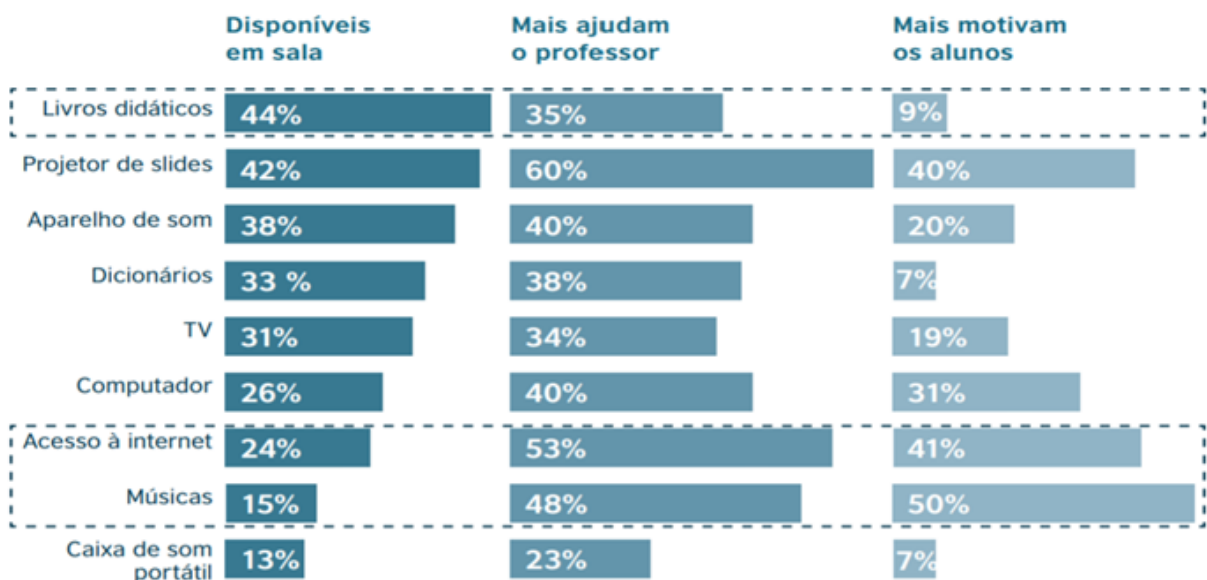
Oliveira (2003) descreve que se reconhece na literatura uma ineficiência em relação a ensino em grande parte das escolas do setor público no Brasil. Podemos observar que a situação é realmente grave, visto que estatisticamente 78,5% dos alunos estudam em escolas e colégios públicos (INEP, 2016) que, muitas vezes, são marcados pela vulnerabilidade social e pelas desigualdades culturais, econômicas e políticas nos locais em que se encontram.

Em uma pesquisa elaborada pelo Instituto de Pesquisa Data Popular para o British Council revela que os principais fatores que levam os alunos a não se desenvolverem na aprendizagem do idioma durante os anos iniciais de estudos (Compreendidos aqui, como Ensinos Fundamentais 1 e 2 e Ensino Médio) são: a falta de recursos didáticos, a desvalorização e distanciamento do idioma com falta de interesse dos alunos para aprenderem, turmas desniveladas e numerosas e professores que não dominam completamente o idioma.

Os recursos didáticos que mais motivam os alunos, são os que os professores menos têm acesso, como podemos observar na Figura 1:



OS RECURSOS MAIS VALORIZADOS SÃO AQUELES A QUE OS PROFESSORES MENOS TÊM ACESSO



Fonte: Pesquisa "O Ensino de Inglês na Educação Pública Brasileira" British Council/Plano CDE. Base: 1269 (ponderada)

Figura 1 – Quadro de Recursos

De acordo com os professores, um problema de grande importância observado ainda dentro da questão dos recursos didáticos é o fato de que, muitas vezes o recurso de maior acesso, que são os livros fornecidos pelo governo, estão em níveis de fluência mais avançados com relação à proficiência que os alunos possuem (BRITISH COUNCIL, 2014).

Barcelos (2006) explica que, em geral, a experiência de aprendizagem em escolas públicas se caracteriza como ruim e sem motivação. A desvalorização, o distanciamento e a falta de interesse dos alunos (KELLY, 2000), são alguns dos fatores que complementam o que o outro autor disse, piorando a situação. A maioria dos alunos não têm perspectivas de que um dia usarão o inglês em seu dia a dia, ou seja, não se motivam a aprender para melhorarem profissionalmente e suas experiências de vida, não dando o devido valor a esse aprendizado. É recorrente também o fato de que os alunos não têm com quem conversar e colocar em prática o que aprendem em sala de aula, levando ao distanciamento e a falta de interesse. As desculpas mais apresentadas pelos alunos justificando suas dificuldades de aprender inglês se resumem à repetição de um ensino que é voltado excessivamente para a gramática, tendo como aspecto mais lembrado o verbo to be (BARCELOS, 2006).

Outro fator preponderante e que faz o ensino do idioma ainda pior são as turmas numerosas e compostas por alunos com diferentes níveis de fluência, dificultando o trabalho do professor, que se vê desafiado a planejar uma aula de qualidade e que atenda ao interesse de todos, levando, muitas vezes, a aulas repetitivas e cansativas, sem tirar um bom proveito das capacidades individuais de cada aluno (BRITISH COUNCIL, 2014).



Boa parte dos professores que lecionam aulas de inglês não dominam completamente o idioma. Apesar de serem profissionais capacitados para darem aula, nunca entraram em contato direto com a língua inglesa, sendo que esse é um fator determinante para se adquirir fluência. Há também dificuldades associadas à formação dos professores, em que as mais relevantes são: falta de oportunidades para conversar em inglês; dificuldades com a língua falada; dificuldades com a leitura de materiais em inglês e dificuldades com a língua escrita além do fato de não vivenciarem essas situações (BRITISH COUNCIL, 2014). Dados do Censo Escolar de 2013 feito pelo IBGE, mostram que 80% dos professores possuem ensino superior, porém apenas 13% possuem formação específica em língua inglesa, como pode ser observado na Figura 2:

Área de formação dos professores de inglês com ensino superior	%
Letras - língua portuguesa	27
Letras - língua portuguesa e estrangeira	26
Pedagogia	14
Letras - língua estrangeira	13
Outros cursos	20
Total de professores com ensino superior	100

Fonte: Censo Escolar 2013

Figura 2 – Professores com proficiência em inglês

Esses dados levam a conclusão de que quando o professor não tem uma formação específica em língua inglesa, faz com que haja uma maior dificuldade em lecionar com qualidade a disciplina que ensinam (BRITISH COUNCIL, 2014).

4. CONSEQUÊNCIAS DA BAIXA PROFICIÊNCIA NO ÂMBITO UNIVERSITÁRIO

Os principais problemas que afligem as universidades brasileiras com relação a proficiência no idioma inglês são: não internacionalização das universidades e dificuldades por parte dos acadêmicos para conseguirem publicar artigos e trabalhos em revistas de renome internacional, visto que exigem textos redigidos em inglês e conteúdos retirados de fontes e trabalhos que apresentem qualidade, o que, conseqüentemente estão redigidos em sua maioria no idioma inglês (TIMES HIGHER EDUCATION, 2017; TESSLER, 2012).

Uma das decorrências mais significativas para a comunidade universitária é a impossibilidade dos alunos conseguirem realizar intercâmbios acadêmicos/científicos em universidades de países que têm a língua inglesa como idioma oficial e que possuem a maior parte das universidades no ranking de 1000 melhores do mundo, fornecido pela Times Higher Education (2017), em que o Brasil possui 21 instituições de ensino superior nesse ranking, dificultando, assim, a internacionalização das universidades brasileiras, tanto para alunos que pretendem ir daqui para esses países, quanto para alunos que desejam vir ao Brasil cursar suas



graduações e/ou intercâmbios. A possibilidade de realização de intercâmbios é um fator determinante para que alunos que já praticam o idioma possam adquirir total fluência. Esse problema é considerado relevante pelo fato de que os acadêmicos que conseguem realizar intercâmbios mudam completamente suas vidas, tanto profissional, com enriquecimento do currículo, quanto pessoal e culturalmente, adquirindo uma nova visão do mundo ao seu redor (TIMES HIGHER EDUCATION, 2017).

Estudos de Chienand Wei (1998), Oxford e Crookall (1989), Oxford e Nyikos (1989) e Wharton (2000) mostraram que os alunos com alta proficiência em inglês usam mais estratégias de aprendizado do que aprendentes com pouca proficiência, atingindo melhores resultados em suas pesquisas bibliográficas para realização de trabalhos acadêmicos, visto que as publicações científicas mais bem conceituadas no mundo da pesquisa estão redigidas em inglês. Consequentemente, pode-se aferir que tais alunos conseguem ter facilidade para publicar seus artigos e trabalhos em revistas e periódicos de qualidade, visto que já têm conhecimento do idioma, podendo, assim, buscar materiais de qualidade para complementarem suas pesquisas e escreverem com mais facilidade. Tessler (2012) afirma que as publicações acadêmicas em inglês atingem um público muito maior com relação a publicações em outros idiomas e têm um impacto mais significativo no desenvolvimento científico e cultural da humanidade, visto que, como já foi discorrido nesse artigo, o inglês é o idioma global de comunicação entre os povos.

Um país que não possui uma população com boa proficiência no idioma inglês enfrenta dificuldades como: não internacionalização de suas universidades; falta de interesse por parte de profissionais estrangeiros virem para cá realizarem pesquisas; dificuldades no setor empresarial, principalmente de empresas multinacionais com sedes em outros países para encontrarem profissionais com domínio suficiente do idioma (TIMES HIGHER EDUCATION, 2017; BRITISH COUNCIL, 2014; TESSLER, 2012).

A não internacionalização das universidades brasileiras acarretam muitos problemas, como o que já foi citado anteriormente, no caso dos acadêmicos que buscam por intercâmbios, gera falta de conhecimento e tecnologia que possam ser trazidos de fora, visto que o Brasil não é um país de 1º mundo e raras são as inovações genuinamente brasileiras. No ranking de melhores universidades mundiais realizado pela Times Higher Education em 2017, o Brasil possui 21 universidades entre as 1000 melhores do mundo, ou seja, com a falta de universidades de qualidade internacional, há uma dificuldade maior de se atrair estudantes e profissionais com interesse em realizar seus estudos no Brasil (TIMES HIGHER EDUCATION, 2017).

Outro fator considerado ruim para um país com baixa proficiência em inglês, é a dificuldade de se atrair profissionais e estudantes com interesse em realizar cursos lecionados em inglês. O número de estudantes estrangeiros no Brasil é muito pequeno. Há mais estudantes americanos na Argentina do que no Brasil, devido à preferência dos alunos por um país que fala espanhol, mas também à disponibilidade de programas de graduação em inglês. As universidades brasileiras devem considerar oferecer cursos em inglês, com programas preferivelmente cheios, juntamente com o português. Os alunos preferem ir para países onde as aulas são ministradas em inglês. A coexistência de cursos em inglês e português ofereceria a estudantes brasileiros oportunidades de socializar com estrangeiros e melhorar a sua proficiência em inglês (TESSLER, 2012), além de ajudar na internacionalização das universidades.



No contexto de intensa globalização e encurtamento espacial e social entre os seres humanos, as empresas necessitam alcançar as melhores práticas e técnicas de desempenho e, para isso, empregam pessoas que buscam desenvolvimento profissional e pessoal, com aprendizado constante, entendendo que a qualificação e a formação profissional se apresentam como projetos inacabados e dinâmicos (FRANCO, 2002), refletindo-se, principalmente em profissionais que têm inglês fluente ou, no mínimo, buscam melhorar sua proficiência.

Sanches (1997) revela que é fundamental que se tenha qualificação em outros idiomas, visto que quem não domina um ou mais idiomas terá menores chances no mercado de trabalho do que aqueles que dominam. Por parte das empresas, é fundamental que elas possuam profissionais com essa competência, visto que com o advento da globalização e, com ela, da internet, as pessoas podem se comunicar instantaneamente com outras em qualquer parte do planeta. Bispo (2005) afirma que muitas das palavras e expressões que as empresas usam em seu cotidiano não constam nos dicionários de seu idioma nativo, pois se originaram em países de língua inglesa. Faz-se fundamental o conhecimento do inglês, tendo em mente que vivenciamos o fenômeno do World English (LE BRETON, 2005; RAJAGOPALAN, 2004).

5. METODOLOGIA

Trata-se de um artigo de revisão, com análise qualitativa e com fins exploratórios, tendo como base dados secundários, não possuindo análises de processos de coletas de dados primários, como entrevistas e questionários. Os instrumentos de coleta de dados foram artigos, estudos científicos e periódicos com investigações em periódicos como Elsevier, Scielo, pesquisas feitas pelo Instituto de Pesquisa Data Popular ao British Council, principalmente o estudo que se intitula "O Ensino do Inglês na Educação Pública Brasileira", com buscas em sites governamentais de coleta de dados sobre a educação brasileira como IBGE e INEP com base em dados do Censo Escolar de Educação Básica Brasileira do ano de 2016, acessíveis no site do Ministério da Educação. Foi feita revisão de literatura de alguns autores, dentre os quais pode-se citar Kuramaravadivelu, Barcelos, Crystal e Oliveira sobre o assunto recorrente com análises de alguns artigos científicos como o "Inglês Como Língua Internacional: Por Uma Pedagogia Intercultural Crítica" e o "The relationship between language learning strategy use, language proficiency level and learner gender". As informações coletadas no site da Times Higher Education, foram elaboradas com base na interpretação de infográficos e descrições dos mesmos.

O primeiro passo para a realização das análises textuais foi a pergunta de partida, que serviu de fio condutor durante toda a pesquisa, que se intitulava "Quais as principais causas dos universitários brasileiros terem uma baixa proficiência no idioma inglês?". Em seguida foi feita a seleção dos textos a serem lidos seguindo os 5 princípios propostos no livro Manual de Investigação em Ciências Sociais de Quivy e Campenhoudt (2008): 1º Princípio: Começar pela pergunta de partida; 2º Princípio: Selecionar cuidadosamente os textos e ler em profundidade os considerados mais importantes, evitando sobrecarregar com muitos textos e não extrair informações com qualidade; 3º Princípio: "[...]procurar, na medida do possível, documentos cujos autores não se limitem a apresentar dados, mas incluam também elementos de análise e de interpretação[...]" (QUIVY; CAMPENHOUDT, 2008, p. 52); 4º Princípio: Encontrar textos com abordagens diversificadas sobre o assunto; 5º Princípio: Ter momentos de reflexão pessoal



e troca de ideias e pontos de vista com colegas, profissionais e pesquisadores com experiência na área.

Prezou-se pela qualidade das leituras textuais, em que, como cita Quivy e Campenhoudt: "Ler mal um texto de 2000 páginas não serve rigorosamente para nada; ler bem um texto de 10 páginas pode ajudar a fazer arrancar verdadeiramente uma investigação ou um trabalho." (QUIVY; CAMPENHOUDT, 2008, p. 66). Posteriormente foram realizados resumos que foram transcritos para o presente artigo da forma como foi apresentado, submetidos à conferência. O Quadro 1 ilustra alguns exemplos de citações direta (transcrição) ou indireta (paráfrase). Os exemplos abaixo apresentados não substituem a consulta do manual.

6. RESULTADOS

Temos como resultados desta pesquisa o fato de que as principais causas da baixa proficiência em inglês dos universitários são: a falta de recursos didáticos, a desvalorização e distanciamento do idioma com falta de interesse dos alunos para aprenderem, turmas desniveladas e numerosas e professores que não dominam completamente o idioma. Há um reconhecimento na literatura de que há uma ineficiência em relação ao ensino na educação pública brasileira (OLIVEIRA, 2003), e isso piora ainda mais no contexto específico do ensino de inglês.

Essas causas, conseqüentemente, geram problemas que se resumem a não internacionalização das universidades e a falta de profissionais competentes no mercado de trabalho gerando dificuldades para as empresas encontrarem profissionais com fluência no idioma.

Dados de pesquisas sobre as melhores universidades do mundo, revelam que o Brasil precisa investir mais no ensino superior, visto que possui apenas 21 universidades entre as 1000 melhores do mundo e vem perdendo espaço, ano após ano, analisando-se que em 2016 possuía 27 universidades nesse ranking (TIMES HIGHER EDUCATION, 2017).

CONCLUSÃO

Este trabalho teve o intuito de avaliar as principais causas da baixa proficiência no idioma inglês dos universitários brasileiros, avaliando também as conseqüências e problemas, tanto para as próprias universidades quanto para o país como um todo.

Portanto, as causas fundamentais da baixa proficiência podem ser encontradas no ensino público da educação básica, compreendidos aqui como Ensinos Fundamentais 1 e 2 e Ensino Médio. Essas causas são: a falta de recursos didáticos, a desvalorização e distanciamento do idioma com falta de interesse dos alunos para aprenderem, turmas desniveladas com grande número de alunos e professores que não dominam completamente o idioma.

Os principais problemas encontrados para as universidades e para o país foram: não internacionalização das universidades, falta de profissionais capacitados para as empresas contratarem e a falta de alunos estrangeiros no país para realizarem suas pesquisas e estudos científicos.

A partir das informações encontradas, observa-se que a falta de um ensino de qualidade de um segundo idioma a população de um país como o Brasil, traz conseqüências e problemas



que, muitas vezes, não são observados no dia a dia, porém existem e precisam ser solucionados mediante atuação conjunta do governo, nas esferas Federal, Estadual e Municipal, com as escolas e seus integrantes diretos, como pais de alunos, alunos e professores.

Sugere-se que para trabalhos futuros sejam realizadas pesquisas sobre a educação do inglês especificamente no ensino superior brasileiro e também sobre quão ideal teria de ser o ensino de outro idioma nas escolas públicas para que se tenha qualidade e máximo de proveito possível.

REFERÊNCIAS

- Ackoff, R. (1971). Towards a Systems of Systems Concepts, *Management Science*, 17, 11, 661-671.
- Bacon, C. J., Fitzgerald, B., "A systemic framework for the field of information systems", *The DATA BASE for Advances in Information Systems* (32:2), pp. 46-67, 2001. (available at <http://dl.acm.org/citation.cfm?id=506738>).
- Benbasat, I., & Zmud, R. W. (2003) The Identity Crisis within the IS Discipline: Defining and Communicating the Discipline's Core Properties, *MIS Quarterly* (27:2), pp. 183-194.
- Davis, G. (1974). *Management Information Systems: Conceptual Foundations, Structure, and Development*, McGraw-Hill.
- BARCELOS, A. M. F. (2006) Narrativas, crenças e experiências de aprender inglês. *Linguagem & Ensino*, 9, 2, 145-175.
- BOTHWELL, E.; GROVE, J. Times Higher Education. 2017. World University Rankings 2018: results announced. (available at <https://www.timeshighereducation.com>).
- CRYSTAL, D. (1996) *English: the global language*. London: The US English Foundation.
- CRYSTAL, D. (2003) *English as a global language*. Cambridge: Cambridge University Press.
- FIRST, Education. Índice de Proficiência em Inglês da EF. 2017. (available at <https://www.ef.com.br/epi/>).
- GIMENEZ, T. (2001) ETS and ELT: teaching a world language. *ELT Journal*, London, v. 55, n. 1, p. 296-297,
- GRADDOL, D. (1997) *The future of English? A guide to forecasting the popularity of the English language in the 21st century*. London: The British Council.
- GRADDOL, D. (2006) *English Next: why global English may mean the end of English as a foreign language*. London: The British Council.
- KELLY, G. (2000) *How to teach pronunciation*. Essex: Pearson Education Limited.
- KUMARAVADIVELU, B. (2006) A Linguística Aplicada na era da globalização. In: MOITA LOPES, L. P. da (Org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial 129-148.
- LOPES, L. P. M. (2008) INGLÊS E GLOBALIZAÇÃO EM UMA EPISTEMOLOGIA DE FRONTEIRA: IDEOLOGIA LINGÜÍSTICA PARA TEMPOS HÍBRIDOS. *D.e.l.t.a.*, Rio de Janeiro, 2, 24, 309-340.



- MIGNOLO, W. (2000) *Local Histories/Global Designs. Coloniality, Subaltern Knowledges and Border-Thinking*. Princeton: Princeton University Press. _____. 2003. Os Esplendores e as Misérias da “Ciência”: Colonialidade, Geopolítica do Conhecimento e Pluri-versalidade Epistêmica. In: Boaventura de S. SANTOS. (Org.).
- O ENSINO DE INGLÊS NA EDUCAÇÃO PÚBLICA BRASILEIRA (2015) Elaborado com exclusividade para o British Council pelo Instituto de Pesquisas Plano CDE. São Paulo: British Council.
- OLIVEIRA. (2003) Enio de. Políticas de ensino de línguas estrangeiras em escolas públicas do Estado de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - IEL/Unicamp, Campinas/SP.
- QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. (2008) *Manual de Investigação em Ciências Sociais: Trajectos*. Lisboa: Gradiva, 290. 5.
- RAJAGOPALAN, K. (2004) The concept of ‘World English’ and its implications for ELT. *ELT Journal*, London, 58, 2, 111-117.
- SALAHSHOUR, F.; SHARIFI, M.; NEDASALAHSHOUR. (2012) The relationship between language learning strategy use, language proficiency level and learner gender. *Elsevier, Tabriz*. 3. 10. 634-643.
- SEIDLHOFER, B. (2011) *Understanding English as a lingua franca*. Oxford: Oxford University Press.
- SIQUEIRA, D. S. P. (2010) Inglês como língua internacional: por uma pedagogia intercultural crítica. In: SILVA, K. A. da. (Org.). *Ensinar e aprender línguas na contemporaneidade: linhas e entrelinhas*. Campinas: Pontes, 25-52.
- SIQUEIRA, D. S. P. (2011) Inglês como língua franca: o desafio de ensinar um idioma desterritorializado. In: GIMENEZ, T.; CALVO, L. C. S.; EL KADRI, M. S. (Org.). *Inglês como língua franca: ensino-aprendizagem e formação de professores*. Campinas, SP: Pontes, 87-115.